



## **Desafios e perspectivas no ensino de Jornalismo no interior da Amazônia: o caso de Vilhena-RO<sup>1</sup>**

Leoní SERPA<sup>2</sup>

Universidade Federal de Rondônia, Vilhena, RO

Sandro COLFERAI<sup>3</sup>

Universidade Federal de Rondônia, Vilhena, RO

### **Resumo**

O artigo trata do Ensino em Jornalismo no interior da Amazônia tomando o caso do curso instalado no campus de Vilhena da Universidade Federal de Rondônia como exemplar. Para isso são consideradas as particularidades regionais e locais como parte das determinações que tornam necessário dar conta das demandas regionais articuladas com as nacionais e globais na formação dos profissionais Jornalistas. Neste contexto é ainda necessário considerar as limitações e desafios impostos ao ensino de Jornalismo na região e as precariedades institucionais presentes, a fim de compor o quadro que se impõe e como parte do processo de reconhecer potencialidades a fim de traçar objetivos para a formação de Jornalistas no interior da Amazônia.

**Palavras-chave:** jornalismo; ensino; Amazônia; Rondônia; Vilhena.

### **Introdução**

A nossa motivação para este artigo passa pela experiência de atuação em um curso de Jornalismo no interior da Amazônia. É deste lugar que acreditamos ser possível nos lançar à discussão sobre a formação de profissionais jornalistas capazes de dialogar para além das imposições geográficas da região, ao mesmo tempo em que são capazes de reconhecer as particularidades regionais e as heterogeneidades societárias e naturais do local em que vivem.

Se aprendemos com os fatos históricos que nem tudo se estabelece na mesma forma e proporção e em todas as realidades, na vivência no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia, em Vilhena, nos deparamos com a lenta construção de um ambiente acadêmico, muito em razão da precariedade e escassez de recursos materiais e humanos. É este o cenário sobre o qual nos debruçamos para explicitar desafios e apontar as perspectivas para a formação de jornalistas no interior da Amazônia

Ainda que os contrastes, se considerados os cenários comunicacionais e de formação acadêmica encontrados em outras regiões brasileiras, sejam gritantes, é

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015.

<sup>2</sup>Jornalista e mestre em História (UPF); professora de Jornalismo (UNIR-Vilhena) e coordenadora do curso de Jornalismo.

<sup>3</sup>Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM); mestre em Comunicação Social (PUCRS); professor de Jornalismo (UNIR-Vilhena).



preciso reconhecer que em nossa realidade trata-se de um processo de construção que se encontra ainda nas fundações. Mas, mesmo engatinhando, a história de um determinado saber e da sua prática profissional não deixa de existir, evoluir e buscar afirmação, muitas vezes alcançando variáveis não esperadas que, ao longo do tempo, se constituem. É assim com o ensino e o exercício do Jornalismo em Vilhena, cidade do interior de Rondônia, o cenário que aqui tomamos como exemplar para as nossas preocupações.

### **A busca pela consolidação do campo**

Como ocorreu na maior parte das áreas do conhecimento no Brasil o ensino de Jornalismo também nasce tardio. As primeiras escolas para a formação de jornalistas surgem no país pelo menos cinco décadas depois de já terem sido instaladas nos Estados Unidos e na Europa (MELO, 2004, p. 78). Em meados dos anos 1930 o dirigente da Associação Brasileira de Imprensa, ABI, Costa Rego, implanta na Universidade do Distrito Federal – então o município do Rio de Janeiro – o primeiro curso de Jornalismo do país (MELO, 2003). Numa análise das condições sob as quais se deu a criação deste curso Melo (2004) indica que a influência era predominantemente de correntes francesas, o que teria influência no perfil marcadamente humanístico. Em 1943 o jornalista Cásper Líbero cria a primeira faculdade de Jornalismo – que levaria seu nome –, com um pensamento acadêmico que mescla saberes europeus e americanos, dando assim vieses funcionalistas para a escola.

Ensinar jornalismo parece carregar um estigma que vem desde o surgimento das primeiras escolas americanas, com embates acalorados entre saberes prático, os interesses elitistas, as elites intelectuais, e os interesses mercadológicos. Melo (2004) resgata essa discussão ao citar Joseph Pulitzer, jornalista e empresário norte-americano dono de jornais que investiu milhões de dólares para que a universidade “[...] se comprometesse a educar adequadamente os jovens jornalistas” (MELO, 2004, p. 77). Nas palavras de Pulitzer “A Escola de Jornalismo deve ser, uma escola não-comercial e mesmo anticomercial. [...] Deve construir ideais, mantendo a contabilidade no seu lugar, e fazer da alma do jornalista a alma do jornal” (PULITZER *apud* MELO, 2004, p. 77). Se tal posicionamento era necessário, é possível inferir o quão presente era, já então, o cenário alvo das críticas de Pulitzer.

Se considerarmos que a tradição brasileira de formação em Jornalismo gradativamente se distanciou da europeia e se aproximou da norte-americana, torna-se



claro que estamos imersos num contexto em que os interesses do mercado e de uma formação estritamente profissional vão de encontro à necessidade de formar profissionais jornalistas cômicos das realidades sociais, políticas e culturais em que atuam e às quais devem ser, necessariamente, críticos. Para Lage (2002) as polêmicas sobre o papel das escolas de Jornalismo segue manifesto nos mais diferentes contextos latino-americanos e, especialmente, brasileiros. Entre nós a maior parte das escolas de Jornalismo é instalada nas últimas três décadas e um cenário comum à maior parte do país é a implantação destas escolas em regiões onde já estavam presentes empresas de comunicação – quase sempre pequenas empresas.

É claro que a existência de escolas superiores de jornalismo foi vista pelos profissionais que já estavam trabalhando – principalmente os menos competentes e menos éticos, mas também alguns competentes e inseguros – como ameaça. Esse é o tipo de reação que ainda hoje se manifesta toda vez que, em alguma região, inaugura-se um curso de jornalismo ou profissionais formados chegam em busca de trabalho. (LAGE, 2002, s/p)

Esta conjuntura é potencializada quando se volta o olhar para as regiões que, historicamente, passaram a ser apontadas como periferia ante centros nacionais de formação superior. É o caso do Norte do Brasil, e mesmo de espaços geográficos distantes das capitais e possíveis de serem identificados em todas as regiões. Nestes lugares os desafios se multiplicam, pois, além de tardio, o ensino de Jornalismo enfrenta desafios outros, ligados às variedades culturais, educacionais e geográficas, além de barreiras logísticas que levam à sensação de isolamento, especialmente quando se considera a malha de transporte intra e inter regionais. Numa análise empírica, especialmente nos mais longínquos espaços, podemos observar nestes interiores as precarizações técnica e ética prevalecendo. Por outro lado, e paradoxalmente, entram em fluxo esforços obstinados em contribuir com saberes formais capazes de fomentar espaços para a profissionalização do campo nestas regiões e, especificamente, ofertar formação jornalística condizente com as necessidades sociais contemporâneas.

Tais esforços, no entanto, não deixam de encontrar barreiras, que mesmo se constituindo em desafios inéditos nos locais onde surgem, são em larga medida os mesmo que têm sido enfrentados pelas mais diferentes escolas de Jornalismo desde a primeira metade do século XX.

Culpam-se as escolas pelos defeitos que têm e pelos que não têm; exige-se do recém-formado um tipo de conhecimento que só a experiência extensa pode garantir; alega-se que, se o jornalismo depende de talento, o curso universitário



é inútil. Mas isso passa com o tempo, até porque, mesmo se o jornalismo fosse atividade restrita a pessoas talentosas – como, por exemplo, a composição de sinfonias ou a pintura de quadros –, ainda assim o aprendizado seria útil, como são úteis os estudos de música e de artes plásticas. (LAGE, 2002, s/p)

Tal reflexão certamente contribui para a compreensão das barreiras que são impostas às iniciativas de qualificação e formação universitária de profissionais do jornalismo, e à constituição de espaços acadêmicos capazes de problematizar este campo profissional. Nossa experiência empírica no ensino de Jornalismo leva-nos a reforçar a argumentação de Lage, considerando também a glamourização da profissão e o atrelamento de interesses políticos e econômicos, aos quais comumente se ligam profissionais de Jornalismo nos interiores do Brasil, como fatores que corroboram para a desvalorização da formação em escolas de Jornalismo.

Para alguns jornalistas, em geral mais bem pagos, situados mais próximos da direção de grandes empresas ou empregados em órgãos públicos, a formação universitária específica também seria dispensável. Essa opinião os aproxima da elite com que convivem e a que, ideologicamente, pertencem; [...] Em resumo, a exigência da formação superior específica é uma posição vanguardista do Brasil, perfeitamente adaptada à nossa realidade: um país grande, de culturas variadas, com milhares de cidades onde o jornalismo com qualidade e ética ainda não chegou [...]. (LAGE, 2002, s/p)

Nas palavras de Lage encontramos argumentos para a defesa da necessidade de interiorização dos cursos de Jornalismo, como forma de colaborar com a transformação da realidade das sociedades. É aqui que reside o papel de cursos fora das capitais, distante dos grandes centros, como é o caso do de Vilhena, interior de Rondônia, um dos dois cursos do Estado e o único público. Criado em 2002 e que veio a formar a sua primeira turma em agosto de 2009. Uma realidade que sente os reflexos do isolamento geográfico, da escassez de profissionais da área e do desconhecimento institucional sobre a natureza específica da profissão, além da falta de infraestrutura laboratorial, física e de equipamentos. Apesar de todas essas variáveis tem se projetado nos últimos anos uma correção de rumo para o curso a fim de atender uma necessidade social e como alternativa à precariedade profissional da área na região.

A busca por consolidação de uma escola de Jornalismo nestas condições passa pela consideração – quando não do enfrentamento – de práticas consolidadas não apenas por profissionais, mas também por instituições, quase sempre públicas, que lançam mão destes cenários para a manutenção de espaços de poder. É novamente Lage,



considerando as realidades presentes nas regiões do interior do país, quem faz tal apontamento:

[...] leis equivocadas – como a que obriga as prefeituras a divulgarem seus editais em jornal local – estimulam o surgimento de veículos de tiragem insignificante, circulação temporária, sem informação jornalística que preste, comprometidos com o poder local. A interiorização dos cursos de jornalismo é um dos instrumentos para mudar esse estado de coisas e serão as cidades do interior as primeiras prejudicadas pelo retrocesso que significaria o fim da exigência de formação específica. (LAGE, 2002, s/p)

Não se trata, então, de uma realidade ímpar – ainda que tenha particularidades que não podem ser ignoradas – aquela com que nos deparamos no interior da Amazônia, na cidade de Vilhena, em Rondônia. O que há aqui é reflexo de uma conjuntura nacional para o campo do Jornalismo, com cores locais que encontram suas gêneses no processo de formação sócio-histórica da região e num cenário particular para as práticas jornalísticas.

### **Espaços de formação do jornalista amazônida**

O perfil do jornalista brasileiro aponta que a formação superior é regra na quase totalidade dos casos, quadro que se acentua a partir de dois momentos importantes para o campo profissional: a regulamentação da profissão de jornalista, em 1969<sup>4</sup>, que trouxe consigo a exigência de diploma de formação superior para atuação; e a proliferação de escolas superiores de Jornalismo a partir da década de 1990. Ainda que neste cenário o interesse pela formação superior tenha sofrido considerável desprestígio após a queda, por força de decisão judicial, da exigência do diploma de formação superior, o fato é que atualmente há algo em torno de 350 instituições de ensino superior que oferecem cursos de Jornalismo no Brasil (RANKING, 2014).

Dos cerca de 145 mil profissionais que possuem registro profissional no país, 98% possuem formação superior e 40% possuem pós-graduação; 55% atuam na mídia; 40% em assessoria de imprensa; 40% em outras atividades jornalísticas fora da mídia e 5% como professores (PERFIL, 2013). A ampla maioria destes profissionais defende a exigência de algum tipo de formação superior para o exercício da profissão, e mais da metade deles defende a diplomação específica em Jornalismo. Entre os diplomados que efetivamente exercem funções de jornalistas 84,3% atuam como repórteres, 83,1% são redatores, 70,6% também assumem funções de produção de pautas, enquanto 67,9%

---

<sup>4</sup>Decreto-Lei n. 172, de 12/10/1969



fazem edição e 35,4% produzem fotografias, além outras funções, como é o caso de 71,1% dos jornalistas, uma clara acumulação de funções (PERFIL, 2013).

No Norte do Brasil as peculiaridades regionais impõem um cenário particular que ainda não foi totalmente descrito, mas que a experiência empírica permite apontar que os profissionais com formação superior específica em Jornalismo atuam principalmente nas capitais estaduais, enquanto no interior dos diversos Estados predomina a figura do jornalista prático. Esta inferência é corroborada pela distribuição dos cursos superiores de Jornalismo, concentrados nas cidades de Belém (PA) e Manaus (AM), onde estão instalados 54% dos cursos.

**Tabela 1**  
**Cursos de Jornalismo na Região Norte**

<b>Estado</b>	<b>Públicos</b>	<b>Privados</b>	<b>Total</b>
Acre	01	01	02
Amapá	01	01	02
Amazonas	02	05	07
Pará	01	10	11
Rondônia	01	01	02
Roraima	01	01	02
Tocantins	02	01	03
<b>Total</b>	<b>08</b>	<b>20</b>	<b>28</b>

Fonte: Ranking Universitário Folha (RANKING, 2014).

Especificamente no estado de Rondônia, que tem atualmente dois cursos em funcionamento, um privado na capital, Porto Velho, e outro público federal no interior, no campus de Vilhena da Universidade Federal de Rondônia, UNIR, algumas particularidades são necessárias de serem destacadas. Nos primeiros anos da década de 2000 haviam quatro cursos instalados, dois em Porto Velho e dois no interior do Estado, na cidade de Ji-Paraná, todos em instituições privadas, além do curso ofertado pela UNIR. O fechamento dos cursos oferecidos pela Faculdade de Rondônia, Faro, em Porto Velho – este o primeiro a ser instalado em Rondônia, em 2000 – e pelo Centro Universitário Luterano de Ji-Paraná, Ceulji/Ulbra, em Ji-Paraná, teve como principal justificativa a reduzida demanda de alunos, realidade que é também percebida pelos cursos que se mantêm.

Exemplar disso é o quadro verificado no campus de Vilhena, em que as 50 vagas ofertadas anualmente não são totalmente preenchidas desde 2011, havendo anos em que o índice de matriculados não alcançou sequer metade das vagas (DOCUMENTOS,



2015). Em que pesem as carências do curso ofertado pela Universidade Federal de Rondônia, é fundamental ter a perspectiva sócio-histórica para dar conta das complexas relações que levam a este cenário de pouco interesse na formação em Jornalismo em Rondônia, que por extensão pode ser compreendido como exemplar do cenário regional.

### **Cenários e conjunturas locais**

O que pode ser apontado como o princípio de uma história do jornalismo em Rondônia remonta à última década do século XIX, e está estritamente ligado aos eventos que ficaram conhecidos como o Primeiro Ciclo da Borracha. Seringalistas fundaram, em 1891, o *Humaythaense*, um semanário que circulava na região do médio e alto Rio Madeira e que deixou de existir tão logo esgotou-se o período áureo da borracha. Depois disso outros jornais surgiram a partir do final da primeira década do século XX, quase todos em Porto Velho, sempre ligados à Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, como foi o caso dos jornais *The Porto Velho Times* e *The Porto Velho Courier*, ambos em língua inglesa e voltados para os funcionários estrangeiros contratados para a construção da ferrovia (ALBUQUERQUE, 2009).

Com a extinção destas publicações suas instalações e equipamentos são a base para a criação do primeiro periódico em língua portuguesa em Rondônia, *O Município*, em 1915. Em 1917 *O Município* deixa de circular e a partir dele é criado o jornal *Alto Madeira*, este ainda hoje em circulação, um dos 15 jornais mais antigos do Brasil. Afora Porto Velho, até a década de 1970 somente em Guajará-Mirim surgiram periódicos, como foi o caso do *Imparcial*, fundado em 1951. Durante a maior parte do século XX, além dos jornais impressos, o que havia nas duas únicas cidades do Território Federal do Guaporé eram serviços de alto-falantes, como o *Rio Madeira*, instalado em Porto Velho em 1949. As emissoras de rádio começam a surgir a partir de 1955, quando entra no ar a Rádio Difusora Guaporé, em Porto Velho. Em 1974 a televisão chega a Rondônia, com a instalação da TV Cultura, que funcionou apenas naquele ano. Ainda em 1974 a Rede Amazônica de Televisão, afiliada da Rede Globo, instala uma repetidora, também em Porto Velho (ALBUQUERQUE, 2009).

A partir de meados da década de 1970 a distribuição espacial da população de Rondônia passou a se diferenciar dos demais estados da Região Norte. A colonização agrícola fez com que gradativamente a maior concentração populacional se desse distante da capital, Porto Velho, e com isso dezenas de municípios passaram a ser criados a partir de 1977 e ao longo da década de 1980. Este fator acabou por ser



determinante na configuração atual dos meios de comunicação, pois desde os últimos anos da década de 1970 passaram a surgir inúmeros pequenos jornais e emissoras de rádio no interior – na Capital é criado o jornal diário O Estadão do Norte, que rapidamente se transforma na principal publicação a circular em Rondônia –, e repetidoras de televisão, depois convertidas em emissoras locais da Rede Amazônica de Televisão, afiliada da Rede Globo, foram sendo instaladas.

A concessão de emissoras de rádio e televisão se acelera a partir da instalação do Estado de Rondônia em 1982 – até então era um território federal. A maioria dessas concessões são dadas a políticos e, com o tempo, são formados pequenos grupos de comunicação, muitos ainda ativos. Os sinais de outras emissoras de televisão, além da Rede Globo, passam a ser retransmitidos, como o SBT, a Bandeirantes e a extinta Manchete. É a partir daí que se configura o atual cenário profissional para o Jornalismo em Rondônia.

É assim que cidades como Ariquemes, Ji-Paraná, Cacoal e Vilhena são os lugares onde há maior número de emissoras de rádio, TV, e onde está a maior parte dos veículos impressos. Nos outros [municípios], o [baixo] nível de escolaridade e distribuição [rarefa] da população, [...] reflete-se no maior número de emissoras de rádio, mesmo que isso não signifique que este seja o meio com maior presença nos domicílios rondonienses. (COLFERAI, 2010, p. 153)

De maneira geral as sedes das redes de comunicação estão em Porto Velho, mas suas presenças são marcantes nas cidades do interior, uma vez que o desenvolvimento alcançado pela empresa colonizadora implantada nos anos 1970 alcançou êxito e significa importante fonte de negócios para os veículos de comunicação. Da mesma maneira este fator leva à manutenção de pequenos veículos impressos e emissoras de rádio locais, além de uma considerável programação de televisão produzida localmente nas principais cidades do interior de Rondônia, onde – ao contrário do que ocorre na maior parte da região Norte – se concentram mais de dois terços da população do estado.

### **Desafios (auto)impostos à formação**

Os desafios com que se depara um curso de Jornalismo no interior de Rondônia se conformam a partir dos cenários até aqui delineados, assim como são fundamentais as condições institucionais para estruturação e manutenção de um ambiente acadêmico capaz de dar respostas às necessidades da formação profissionais de nível superior. Em





Vilhena está o único curso de comunicação instalado em um raio de 700 quilômetros: com isso os cursos mais próximos estão instalados em Porto Velho (distante 700 quilômetros de Vilhena), e em Cuiabá, capital de Mato Grosso (distante 780 quilômetros). Trata-se de um dos cinco instalados em cidades do interior da Região Norte, o único público em Rondônia.

**Tabela 2**  
**Cursos de Jornalismo no interior da Região Norte**

<b>Cidade (UF)</b>	<b>Públicos</b>	<b>Privados</b>	<b>Total</b>
Gurupi (TO)	01	-	01
Parintins (AM)	01	-	01
Santarém (PA)	-	02	02
Vilhena (RO)	01	-	01
<b>Total</b>	<b>03</b>	<b>02</b>	<b>05</b>

Fonte: Ranking Universitário Folha (RANKING, 2014).

As distâncias físicas, para além das óbvias dificuldades de efetivação de diálogo com outras escolas de Jornalismo, leva à percepção de um isolamento, que é tanto físico como perceptivo e em alguma medida imposto. Aí se configura um primeiro desafio: romper com o isolamento e fomentar o diálogo entre professores e estudantes do curso com outras escolas. Também nesta característica em particular podemos considerar que trata-se de um desafio comum a todos os cursos instalados no interior da Amazônia, uma vez que as condições de acesso proporcionadas pela malha de transportes torna os deslocamentos demorados e onerosos financeiramente.

Quanto à estrutura disponível para as atividades de ensino-aprendizagem e experimentação há clara insuficiência de recursos e de instalações. O curso não possui laboratórios para prática jornalística e os equipamentos se resumem a alguns pares de câmeras fotográficas e filmadoras que na maior parte estão ultrapassadas e mesmo danificadas, além de alguns acessórios, o que está distante de ser um cenário condizente com as exigências de um curso superior de Jornalismo. A inexistência de técnicos em jornalismo também é um complicador, assim como é insuficiente em quantidade e em atualização a biblioteca disponível. Estes obstáculos têm sido de alguma maneira contornados pela disposição e criatividade de docentes ao utilizarem, por exemplo, ferramentas online e abertas de edição, e com o uso de equipamentos não profissionais para a captação de áudio e imagem. Quanto às bibliografias apresentadas aos alunos, o uso de *ebooks* tem sido corrente como maneira de superar as limitações de oferta de títulos.



O papel dos professores e sua disposição tem sido determinante para reduzir os impactos da pobre estrutura para formação dos alunos. Isso nos leva a outro desafio: a atração de recursos humanos qualificados para atuar em um curso de Jornalismo. Trata-se de um desafio ainda maior quando se considera o perfil ideal para um docente: formação em Jornalismo e qualificação em nível de doutorado. Atualmente o curso de Vilhena tem um corpo docente composto por oito professores, sendo quatro doutores e quatro mestres, e cinco com formação em jornalismo. Mesmo sendo este um número reduzido de docentes, não se trata da principal questão: a maior dificuldade se refere à atração e fixação de recursos humanos.

Mais uma vez não é uma característica particular deste curso, pois acreditamos – como têm mostrado as notícias que recebemos de outras escolas de Jornalismo no Norte do país – se tratar de uma dificuldade presente em toda a região. Desde a instalação do curso criou-se o que se pode considerar uma rotatividade de professores, dificultando desta maneira o desenvolvimento de ações a longo e mesmo em médio prazo, o que tem tido reflexos na quantidade e na qualidade das atividades ofertadas: não há um grupo de pesquisas<sup>5</sup> no Departamento de Jornalismo, Dejour, da UNIR, e nem mesmo projetos de extensão que se mantenham por mais de dois anos, por exemplo.

Outro aspecto que pode ser atribuído a esta não permanência de docentes no curso é a estrutura curricular. Quando da instalação do curso de Jornalismo em Vilhena, em 2002, o Projeto Político Pedagógico, PPP, foi concebido de maneira precária sem que tenha sido discutido por docentes do campo – a maior parte dos professores que propuseram e conceberam o curso era da área de Letras<sup>6</sup> – e desde sua implantação era flagrante que se tratava de um projeto que necessitava passar por revisões. No entanto, esta revisão somente ocorreu em 2009 quando enfim houve a formulação e adoção de novo currículo para o curso. Com a adoção de novos parâmetros curriculares nacionais para os cursos de Jornalismo neste momento, no primeiro semestre de 2015, está em andamento a formulação de um novo PPC, Projeto Político de Curso, em que se pretende dar conta das particularidades regionais na formação de jornalistas, ao mesmo tempo em que não se perde de vista a universalidade e a necessária crítica social inerentes ao campo.

---

<sup>5</sup>O Grupo de Pesquisa em Jornalismo na Amazônia Ocidental Brasileira está em fase de elaboração e institucionalização e deverá ser efetivado até o final de 2015.

<sup>6</sup>Em que pese a contribuição e esforços deste grupo de professores na implantação do curso em Vilhena, o limitado conhecimento do campo da Comunicação fez com que tenha havido equívocos que demoraram a ser enfrentados pelos docentes do curso de Jornalismo, distanciando desta maneira o currículo adotado em Vilhena das realidades efetivamente encontradas pelos egressos (n.a.).



Outro obstáculo para a consolidação do curso de Jornalismo em Vilhena se configura a partir do mercado para Jornalismo presente no interior de Rondônia e da legitimação social da profissão de jornalista nesta região. Num cenário que vai ao encontro daquele apresentado por Lage (2002), a presença de jornalistas práticos, forjados no cotidiano de pequenas e precárias redações, e as oportunidades de empregos, também precários, para jovens interessados em iniciar uma carreira – em boa parte das vezes estes postos de trabalho são oferecidos para alunos dos primeiros semestres do curso de Jornalismo – criam resistências à discussão acerca das práticas profissionais e éticas. As questões presentes nas salas de aula acabam por seguir uma lógica que traz consigo uma perversidade: se já faço jornalismo de um jeito que penso estar funcionando adequadamente, porque devo mudar? E esse jornalismo que se pensa adequado é devedor de atrelamentos a grupos políticos e empresariais que fazem desaparecer a crítica necessária ao campo profissional. Não são raros, e é mesmo possível apontar que se trata de regra, os casos de jornalistas que dividem seu tempo entre as redações e a assessoria de comunicação em empresas e em gabinetes políticos.

Configura-se assim um círculo vicioso danoso para o campo profissional e que coloca em xeque a aprendizagem formal: deixa-se de lado o curso de Jornalismo pela possibilidade de ingressar precocemente no mercado de trabalho em Jornalismo, que por sua vez mantém-se precário por não haver a percepção crítica do campo profissional possível de ser alcançada nos cursos de Jornalismo. Neste circuito deve ser acrescentada a pouca legitimidade social do profissional jornalista, que em larga medida pode ser creditada à precarização das condições de trabalho, que obriga estes profissionais a se submeterem a condições e arranjos distantes das condições necessárias para desenvolverem suas atividades. E sem tais condições mantém-se a figura do profissional incapaz de exercer o papel crítico que lhe cabe, mais uma vez proporcionando a manutenção de um circuito que afasta os mais talentosos deste campo. Constitui-se aqui mais um desafio.

### **Perspectivas**

Se por um lado se multiplicam os desafios para o ensino de Jornalismo no interior da Amazônia, e no campus de Vilhena da Universidade Federal de Rondônia em particular, se multiplicam, da mesma maneira, as perspectivas para superar tal cenário. Uma das ações que está em curso em Vilhena com vistas à revitalização e consolidação do curso de Jornalismo, desde 2013, é sua plena regularização junto ao Ministério da



Educação. Após esta providência a faculdade passará a ter uma nova configuração e para tanto está sendo viabilizada especialmente a de infraestrutura laboratorial e a construção de um novo Projeto Pedagógico de Curso que atenda as Novas Diretrizes de Jornalismo e ao mesmo tempo dê as respostas que aos desafios que as novas conjunturas impõem ao curso. No entendimento das Novas Diretrizes, que grosso modo voltam maior atenção à formação específica, reside uma construção pedagógica que exacerba o fazer jornalístico e busca aproximar o conhecimento acadêmico da realidade de mercado, especialmente em um cenário social em construção, como em Rondônia.

Reside aqui um desafio e um norte a ser seguido pelo curso de Jornalismo de Vilhena: congregar diferentes saberes, advindos de diferentes áreas de formação dos docentes vinculados ao curso, que se mostram necessários não apenas à formação profissional em Jornalismo, mas para a atuação em uma realidade ímpar como a que se apresenta na Amazônia da colonização agrícola, uma região da Amazônia que não se reconhece amazônica (COLFERAI, 2010). Neste processo é ainda necessário ter claro que se trata de formar não mais comunicólogos, mas essencialmente jornalistas, como pedem as Novas Diretrizes Nacionais para os cursos de Jornalismo. Neste conagraçamento de saberes é possível dialogarmos com as novas diretrizes e contribuir eficazmente com o campo do jornalismo em construção no território rondoniense.

Além disso, somos desafiados a encontrar um tom que dialogue com o saber da profissão acumulado ao longo dos anos e a realidade na qual estamos inseridos. É necessário desconstruir mitos a respeito da prática da profissão concebidos ao longo dos anos pelo seu exercício empírico e que acabaram por se cristalizar. É a inserção numa realidade de prática profissional ainda em formação que faz com que, não raro, até metade de uma turma de estudantes de Jornalismo já esteja efetivamente trabalhando na área. Se por um lado estamos longe dos saberes acumulados e das experiências da profissão de forma mais dilatada, por outro estamos inseridos no fazer prático que pede por lapidação e ajustes no seu processo de construção.

A realidade da Amazônia certamente difere das observadas nas demais regiões do país. Por isso, a proposta de formação jornalística precisa estimular a inclusão da diversidade, não apenas ambiental, mas social desta população. Trata-se de pensar uma formação inclusiva que estimule o exercício profissional sem desconsiderar a cultura e os saberes populares locais. Uma formação que traga para as histórias jornalísticas a sabedoria, ânsias e perspectivas dos ribeirinhos, indígenas, colonos e de seus descendentes, além de ser capaz de realizar leituras pertinentes das conjunturas que



extrapolam o local e se mantêm próximas das discussões contemporâneas que atravessam os campos social e profissional. Trata-se de buscar condições para formar profissionais do Jornalismo que considerem as realidades fragmentadas e heterogêneas da região, e que acima de tudo dialoguem com as demais realidades do país externando suas peculiaridades e mostrando a Amazônia que o Brasil não conhece.

## Referências

ALBUQUERQUE, Lúcio. **Da caixa francesa ao telégrafo** – 100 anos da imprensa em Rondônia. Porto Velho: S/E, 2009.

COLFERAI, Sandro Adalberto. Tomada de espaço e atrelamentos: o cenário de comunicação social de Rondônia. In: **Communicare**: revista de pesquisa/Centro Interdisciplinar de Pesquisa, Faculdade Cásper Líbero. v. 10, n. 1, São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2010.

\_\_\_\_\_. Ribeirinhos e colonos: a representação de uma identidade preferencial no hino de Rondônia. In: **Raído** (UFGD), v. 4, p. 34-49, 2010.

\_\_\_\_\_. Isolamento revisitado: o acesso à internet na Amazônia brasileira urbana. In: **Revista Sessões do Imaginário** (Impresso), v. 29, p. 36-42, 2013.

LAGE, Nilson. À frente, o passado. In: **Formação Superior em Jornalismo**: uma exigência que interessa à sociedade. Federação Nacional dos Jornalistas – FENAJ (Org.). Florianópolis: Imprensa da UFSC, 2002. Disponível em: <<http://www.fenaj.org.br/diploma/lage.htm>>. Acesso em 17/04/15.

MELO, José Marques. **Os Primórdios do Ensino de Jornalismo**. In: Revista Estudos em Jornalismo e Mídia. Florianópolis (SC). vol. I Nº 2 - 2º Semestre de 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2074>>. Acesso em: 22/04/2015.

\_\_\_\_\_. **História do Pensamento Comunicacional**. São Paulo, Paulus: 2003. Pág. 303.

**PERFIL do Jornalista Brasileiro**. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<http://perfildojornalista.ufsc.br/2013/04/03/resultados-da-pesquisa-de-perfil-serao-divulgados-em-4-de-abril/>> Acesso em: 17/04/15.

**RANKING Universitário Folha**. Ranking Nacional dos Cursos de Jornalismo. São Paulo: Folha de São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://ruf.folha.uol.com.br/2014/rankingdecursos/jornalismo/>>. Acesso em: 22/04/2015.

**DOCUMENTOS do Departamento de Comunicação Social/Jornalismo**. Departamento de Comunicação Social/Jornalismo. Universidade Federal de Rondônia-Campus de Vilhena. 01 p. Vilhena: 2015.